

**DEVIR COM OS VÍRUS NO ANTROPOCENO: DIVULGAÇÕES CIENTÍFICAS
MENORES EM MESAS DE TRABALHO****BECOMING WITH VIRUSES IN THE ANTHROPOCENE: SCIENTIFIC
COMMUNICATION ON WORK TABLES****DEVENIR CON LOS VIRUS EN EL ANTROPOCENO: DIVULGACIONES
CIENTÍFICAS MENORES EN LAS MESAS DE TRABAJO**

Tiago Amaral Sales¹, Susana Oliveira Dias²

Resumo

Buscamos, neste artigo, apresentar modos como a existência dos vírus pode afetar a divulgação científica, tangenciando diálogos com a educação e o ensino de ciências e biologia. Pressupomos que eles são “espécies companheiras” dos humanos e experimentamos a metodologia das mesas de trabalho como práticas menores de aprender, ensinar e comunicar com os vírus. A partir de mesas de trabalho com os vírus, mobilizamos escritas em fabulações especulativas. Aliamo-nos a Deleuze e Guattari, Preciado, Haraway, Tsing e Carstens para pensar o menor e fabular com os vírus possíveis ciências, artes, educações e comunicações abertas a devires. Concluímos que, ao invés das lógicas educacionais e comunicantes baseadas na denúncia e no julgamento, que tomam esses seres como uma ameaça a ser combatida e eliminada, precisamos pensar, sentir e imaginar a convivência com nossos companheiros virais, e como as imagens e palavras podem nos contagiar ao fazer parte de simbioses políticas ativas.

Palavras-chave: vírus; divulgação científica menor; fabulação especulativa; mesas de trabalho; educação multiespécie.

Abstract

In this article, we examine the ways in which viruses can affect scientific dissemination, touching upon dialogues with education more broadly, as well as science and biology education. By assuming that viruses are “companion species” to humans, we conduct experiments with the methodology of working tables as smaller practices of learning, teaching, and communicating with viruses. Starting from working tables with viruses, we promote writings in speculative fabulations. We align ourselves with Deleuze and Guattari, Preciado, Haraway, Tsing, and Carstens to consider the smaller and to fabulate possible sciences, arts, educations, and communications with viruses, open to becomings. We conclude that, instead of an educational and communicative logic based on denunciation and judgment, which considers these beings as a threat to be fought and eliminated, we need to think, feel, and imagine a coexistence with our viral companions, and the ways in which images and words can infect us by being part of active political symbioses.

Keywords: viruses; minor scientific communication; speculative fabulation; work tables; multispecies education.

Resumen

Nos proponemos presentar cómo los virus pueden afectar la divulgación científica, abordando los diálogos con la educación y la enseñanza de la ciencia y la biología. Partimos de la premisa de que ellos son “especies compañeras” de los humanos y experimentamos la metodología de las mesas de trabajo como prácticas de aprendizaje, enseñanza y comunicación con los virus. A partir de estas mesas, movilizamos escritos en fabulaciones especulativas. Nos alineamos con Deleuze y Guattari, Preciado, Haraway, Tsing y Carstens para reflexionar sobre lo microscópico y fabular con los virus posibles ciencias, artes, pedagogías y comunicaciones abiertas al devenir. Concluimos que, en lugar de lógicas educativas y comunicativas basadas en la denuncia y el juicio, que consideran a estos seres como una amenaza que debe ser combatida y eliminada, necesitamos pensar la coexistencia con los virus, y cómo las imágenes y las palabras pueden formar parte de simbiosis políticas activas.

Palabras clave: virus; divulgación científica menor; fabulación especulativa; mesas de trabajo; educación multiespecie.

¹ Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Ituiutaba, MG – Brasil. E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com

² Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, SP – Brasil. E-mail: susana@unicamp.br

1. Contágios afetivos: Tateando um caminho com os vírus

O vírus não está nem vivo nem morto. O vírus não é nem masculino nem feminino. Não é em si mesmo nem seguro nem tóxico. Nem animal nem vegetal. Nem orgânico nem inorgânico. Nem urbano nem rural. Nem digital nem analógico. Nem puramente biológico nem simplesmente informático. É a categoria “vida” que o vírus faz voar pelos ares. O vírus tira o pensamento binário moderno do sério, transtorna a ordem da linguagem biológica, transgride os limites, sacode os termos da classificação, desfaz a taxonomia. Indizível, ele é uma entidade constitutivamente disfórica.

Paul B. Preciado (2023, p. 180)

Habitar a Terra/terra³ é coexistir com uma multiplicidade de seres. Animais, vegetais, fungos, bactérias, protozoários e vírus compartilham o planeta na medida em que compõem paisagens multiespécies (Tsing, 2019). Estes últimos, por serem acelulares – necessitando de uma célula hospedeira –, sequer são considerados de maneira consensual nos ambientes acadêmicos como seres biologicamente vivos.

Os vírus, ao adentrarem os corpos de tantos outros seres, infectando-os, transformam as suas células na medida em que com eles se unem. A genética e a materialidade das moléculas, ao se hibridizarem, instauram uma metafísica da mistura, como podemos pensar com o filósofo italiano Emanuele Coccia (2018; 2020). A metamorfose (Coccia, 2020) de tais vidas ocorre *pari passu*, em devir: se produzem na medida em que se transformam. A partir da existência viral, é possível tensionar e redimensionar a própria materialidade da unidade de cada ser vivente.

Os nossos corpos humanos são territórios de (co)habitação com outros corpos como bactérias, fungos e vírus partilham o mundo e nossas vidas como as suas moradas. Compõem-se, assim, um ecossistema que coloca em questão o que separa os humanos dos não humanos. Estes microrganismos dividem conosco a nossa carne, transformam as nossas materialidades biológicas. Também carregam a potência de desencadear adoecimentos e mortes, seja pelo tipo de cada um – já que alguns são mais patogênicos do que outros –, seja pela proliferação desenfreada que ganha velocidade a partir de fragilidades imunológicas.

Nesse caminho de pensar em paisagens constituídas por seres heterogêneos em suas ressonâncias educativas, Delphi Carstens tem sido um dos defensores da necessidade de construção de uma pedagogia multiespécies. Nessa perspectiva, as agências não humanas ou mais que humanas são tomadas como entidades políticas que precisam ser consideradas eticamente e podem nos fazer perceber modos surpreendentes de inventar e criar em meio às ruínas (Carstens, 2019; 2020; 2023).

A *Revista Cell*, em seu editorial do volume 172 (2018), intitulado de *Living in Their World*, defende que devemos reconhecer a importância dos micróbios em nossas vidas – e na vida global como um todo – para, dessa forma, podermos também amá-los. Assim, afirmam

³ Grafamos “Terra” em maiúsculo em referência ao planeta que habitamos e “terra” em minúsculo nos referindo ao solo que pisamos e que nos misturamos.

que “Micróbios com a sua diversidade, complexidade, e tentativa de alcançar cada ramo da vida tem muito a nos ensinar acerca da nossa própria biologia e existência” (Cell, 2018, p. 1138, tradução nossa). A partir de tal inquietação lançada por esta publicação (Cell, 2018) e de uma imersão etnográfica em um laboratório de virologia, o professor e pesquisador Thiago Ranniery (2020) desloca a percepção de que “vivemos no mundo deles [os micróbios]” para entrelaçamentos entre educação e divulgação científica. Segundo o autor, “Em constante movimento e promiscuamente mesclado com diferentes sistemas culturais, vírus patogênicos mesmo quando colocam mundos em perigo, também ajudam a moldar mundos emergentes” (Ranniery, 2020, p. 735). Neste caminho, em diálogo com os estudos queer e envolto pela emergência da pandemia de covid-19, Ranniery (2020, p. 743) reflete em maneiras “[...] como podemos nos ligar ao vírus, insistindo na criação de uma arte de alianças e composições temporalmente emaranhadas”.

Vírus são um transmissor de informações entre diferentes seres, entre seres e o ambiente, permitindo saber como estão interligados, uma espécie de lembrete das relações do “florescimento multiespécie em face às histórias terríveis” (HARAWAY, 2016, p. 116). Vírus carregam uma ambivalente memória material de tempos outros que tecem a vida e as redes de sustentação delas, destroçadas em toda área de projeção da confluência entre educação e colonialismo capitalista e instauração do currículo como a galinha dos ovos de ouro do desenvolvimento e da modernização (Ranniery, 2020, p. 744).

Os microrganismos, em suas existências invisíveis a olho nu, carregam a força de movimentar vidas macroscópicas, assim como de finalizá-las. Pandemias virais, como a de aids a partir dos anos 1980 e a de covid-19 nos anos 2020, colocaram em risco a existência humana. A partir delas, proliferaram-se políticas de vida e de morte. Nestes territórios pandêmicos (Sales; Estevinho, 2021), governos estatais consolidam-se e operam as tramas de saber e poder ao dizer quem pode viver e quem deve morrer (Foucault, 2005), tangenciando necropolíticas (Mbembe, 2018).

Figuras⁴ 1 e 2: “Gente livre mistura” e “Palavras viralizantes”.

Figura 1 Figura 2



Fonte: acervo das autorias a partir de registros nas mesas de trabalho com os vírus (2024).

⁴ Dispomos as figuras ao longo do artigo – e não apenas na seção 3, quando escrevemos diretamente com as mesmas – pois percebemos que tais imagens vão compondo com as escritas e as fabulações que ocorreram nos movimentos de pensamento, pesquisa, educação, comunicação e criação com os vírus nas mesas de trabalho.

Nesses caminhos de coexistências e tensões entre humanos-e-vírus, o filósofo Paul B. Preciado (2023) reflete em como as emergências epidêmicas/pandêmicas ressoam em todo um modo de fazer e viver de forma social. Assim,

A gestão política das epidemias coloca em cena a utopia da comunidade e as fantasias imunitárias de uma sociedade revelando os sonhos de onipotências (e os fracassos estrondosos) de sua soberania política. (...) Não se trata de dizer que o vírus é uma invenção de laboratório ou um plano maquiavélico para ampliar políticas ainda mais autoritárias. Ao contrário – ou mesmo que fosse –, o vírus atua à nossa imagem e semelhança, não faz mais que replicar, materializar, intensificar e estender a toda a população as formas dominantes de exploração econômica e de gestão biopolítica que já estavam trabalhando sobre o território nacional e suas fronteiras. Cada sociedade pode, portanto, definir-se por meio da epidemia que a ameaça e de seu modo de organizar-se diante dela (Preciado, 2023, p. 111).

A partir de tais apontamentos, podemos nos questionar: como temos relacionado com os microrganismos que nos fazem companhia em nossos territórios de vida e de morte? De que maneiras instauram modos singulares de, justamente, viver e morrer, de nos comunicar, de aprender e de criar em emaranhados multiespécies?

Por intermédio dessas emergências pandêmicas, a fragilidade da vida é evidenciada nas formas mais viscerais possíveis, sobretudo através de sua proximidade com a morte. É aí que, em meio ao caos, ao luto e ao fim de tantas existências, reside também a possibilidade de pensar na potência de viver, justamente reconhecendo a impermanência e vulnerabilidade que é imanente à vida – humana e não humana. Eis uma demanda de aprender a “[...] pensar em certas educações possíveis ao viver e morrer com outros seres, desierarquizando da noção de humano enquanto campo hegemônico, mas percebendo – e aprendendo com – os afetos que atravessam o corpo em paisagens multiespécies” (Sales, 2024a, p. 221). Dessa forma,

Resta-nos, então, viver e morrer com os vírus, viver e morrer com os problemas, viver e morrer com os possíveis que se anunciam nas coexistências multiespecíficas, viver e morrer com os outros seres: viver e morrer com Gaia, criando mundos. Para tal, temos a tarefa de não olhar o que se apresenta como problema como algo ruim, mas entender que naquilo/naquele está um caminho para mudar, para devir-com, para metamorfosear. E, nesta árdua tarefa de viver-e-morrer-com, diariamente, também semear mundos possíveis, nas sombras e ruínas de outros que já não cabem mais, e precisam findar (Sales, 2024b, p. 371).

São muitos os ensinamentos possíveis de serem aprendidos com os microrganismos, os quais podem ressoar na educação em ciências e biologia, assim como no seu ensino e na divulgação científica. Neste artigo, propomos pensar em comunicações e educações com os vírus que possam nos permitir perceber que as vidas humanas não existem separadamente de outros seres, já que vivemos com, coexistimos, atritamos e compomos paisagens de vida e morte, de proliferação, tensão e multiplicação. Quiçá, seja possível deslocar o olhar do que se percebe como humano, reconhecendo a multiplicidade de existências que coabitam – e também constituem – conosco a Terra/terra.

Nesse caminho, Preciado (2023) reflete que os vírus são a própria fronteira da vida e nos permitem também aprender a habitar esses territórios fronteiriços, instáveis, difusos em suas fragilidades e potências:

Na linguagem da biologia, os vírus são a própria fronteira da vida. E, assim, como fronteira, não estão estritamente nem dentro nem fora. Não são nem estão. Não estão vivos e por isso mesmo tampouco estão mortos. (...) O vírus é uma espécie de fantasma biológico: não é um ser vivo em si mesmo, mas antes *uma relação com o vivente*. Com a *indizibilidade* dos vírus, sua negativa a deixar-se absorver ou reduzir a uma única categoria de uma oposição binária, surge uma outra ontologia possível e, em última instância, outro modo de pensar o funcionamento do que entendemos por vida e por sociedade (Preciado, 2023, p. 184).

Os vírus nos convidam a pensar a vida e os seus estudos – inclusive os biológicos – de outros modos. Nos colocam no lugar do indizível, do invisível, do que depende da capacidade de imaginar para existir e do que, mesmo na incapacidade de entender, está lá, em toda a sua força, tantas vezes, avassaladora. E, assim, nos colocam em deslocamentos das certezas, das linearidades, do que sempre é possível materializar em categorias fechadas e concretas. Eles nos convidam a uma relação *outra* com os nossos corpos, com as nossas células, com as nossas existências enquanto primatas, mamíferos, animais pluricelulares, enquanto eucariotos, enquanto terráqueos.

A bióloga, filósofa e antropóloga das ciências Donna Haraway (2021; 2022) utiliza o conceito de espécies companheiras para pensar nas diferentes vidas que coexistem e compartilham a Terra/terra. Com Haraway, partimos do pressuposto de que os vírus são nossas espécies companheiras. Interessa-nos pensar que relações podemos traçar em nossas coexistências com tais seres. Adentrando as nossas células, mutando o nosso material genético, impregnando a nossa carnalidade. Eles são muitos e podem nos acompanhar visceralmente durante toda a vida – como no caso das existências virais causadoras da herpes simples e genital, da catapora, de tantas verrugas, da aids e das hepatites virais, por exemplo.

As infecções virais estão, geralmente, associadas à doença e à morte dos seres por eles parasitados. Tal percepção, capturada pela medicina, impregnou-se de metáforas bélicas e percepções de que o corpo humano – ou de qualquer outro ser infectado – é um imenso campo de batalha e que, caso não sobreviva à coexistência viral, perderá a guerra. A ensaísta Susan Sontag (1989), já nos primeiros anos da emergência pandêmica da aids, em seu livro *Aids e suas metáforas*, denunciava o quanto as narrativas biomédicas engendram múltiplos sofrimentos subjetivos – atrelados ao preconceito, à noção de corpo como território de guerras incessantes e à doença como perda da luta pela ineficiência imunológica, à percepção estigmatizante de contaminação-poluição que rotula vidas infectadas como sujas, à culpabilização, entre outros – aos sujeitos infectados pelo HIV e adoecidos pela progressão viral na ausência de tratamentos eficazes. São diversas as perversas marcas biomédicas relacionadas à nossa percepção dos microscópicos seres vivos que compartilham a Terra/terra conosco, extrapolando, muitas vezes, ao impacto carnal que possam causar em nossas corporeidades.

Os vírus são tidos como letais ou incômodos para os humanos e todos outros organismos infectados por eles, inclusive os vegetais, as bactérias, os fungos e os protozoários. Eles são rotulados como caminho para a morte e para a destruição celular. Exclui-se, então, a possibilidade de metamorfose, de mistura, de mutação, de transformação. Eis a problemática de um ideário popularmente em vigor – reforçado pelos discursos biomédicos vigentes – que reconhece os vírus como microestruturas do mal, não apontando as co-relações possíveis e sim uma perspectiva de que estes somente nos causem adoecimentos.

É em meio ao Antropoceno que nos situamos e desejamos articularmo-nos no trabalho ético-estético-político de cultivar outros mundos possíveis com os vírus, com a educação em ciências e com a divulgação científica. Sobre este tempo de paisagens em ruínas, a antropóloga Anna Tsing (2019, p. 18) nos lembra que “[...] o mundo do Antropoceno é cheio de coisas estranhas e surpreendentes que precisamos conhecer, e é hora de renovar nosso interesse coletivo no que está acontecendo”. Talvez, através destas proposições de pesquisa com os vírus, seja possível perceber caminhos trilháveis de pensamento-vida neste tempo marcado pelas mudanças climáticas e pelos desastres. Para tal empreitada, nos engajaremos com duas metodologias principais a serem exploradas, que são: a escrita especulativa e as mesas de trabalho.

Desejamos mobilizar um modo singular de educar e comunicar com os vírus. Eis, quem sabe, uma tentativa de experimentar uma divulgação científica menor, que pode acontecer nos encontros entre ciências, artes e filosofias, em práticas nas mesas de trabalho. Inspiramo-nos no conceito de menor, proposto pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari (2017) ao pensarem em uma literatura menor. Para os autores, “Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 35). Assim,

As três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo de enunciação. É o mesmo que dizer que “menor” não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida) (Deleuze; Guattari, 2017, p. 39).

Figuras 3 e 4: “Viralizando notícias” e “Fabulações especulativas”.

Figura 3



Figura 4

Fonte: acervo das autorias a partir de registros nas mesas de trabalho com os vírus (2024).

Pensar em uma divulgação científica menor é deslocar conceitualmente a literatura menor para mobilizar práticas que cultivem relações entre educação, ciências e comunicação em desterritorialização desses campos, em agenciamentos coletivos, em micropolíticas desejosas, em revoluções possíveis. Para tal, também nos inspiramos em outros deslocamentos conceituais ‘menores’, como a educação menor, proposta pelo filósofo da educação Sílvio Gallo:

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância (Gallo, 2002, p. 173, grifos nossos).

Cultivar uma divulgação científica menor é também tecer elos com as ciências em revolta às visões coloniais, em resistência às hierarquias que segregam. Ao fazer isso com os vírus, percebemos uma possibilidade de experimentar um ato de militância pelos contatos sutis, pelas brechas. Está aí uma potência viral para, em micropartículas, ensaiar caminhos.

Outra pista para tecer divulgações científicas menores está na educação em biologia e ciências menor. Para Sandro Santos e Matheus Martins (2020, p. 149), “Uma biologia menor produz um processo de afirmação e abertura de reinvenções de modos singulares dos corpos, gêneros e sexualidades, possibilitando esburacamentos e/ou fissuras em sua educação maior”.

Ao embrenharmos em uma divulgação científica menor, estamos engajando-nos diretamente com “[...] um povo menor, eternamente menor, tomado num devir-revolucionário” (Deleuze, 1997, p. 14). É um povo menor que Deleuze já nos ensina que transborda pelas escritas literárias, que cultiva um modo de saúde. Um povo menor que pode nos contagiar – assim como os vírus. Seriam os vírus também povos menores que podem tanto nos aterrorizar quanto ensinar maneiras desejosas de transformar o que se apresentava como imutável?

Para tal experimentação que acontece nas mesas de trabalho com os vírus, percebemos que “Uma potente pista, então, é estar aberto ao sutil e intenso contágio afectivo presente nas imagens, nos sons e nas escritas, ao mundo que nos circunda e que também constituímos, aos devires infectantes, ao desejo e à força transbordante da vida” (Sales, 2023, p. 407). São ferramentas que nos acompanham nesta tarefa de criar entre ciências, artes e filosofias.

2. Inspirações metodológicas: viralizando fabulações em mesas de trabalho

Poderíamos dizer que o vírus é a força que permite a cada corpo desenvolver sua própria forma, como se ele existisse desencarnado do corpo, libertado, flutuando – a pura potência da metamorfose.

Emanuele Coccia (2020, p. 209).

Criar com os vírus é nos colocar com eles em movimento, no que Coccia (2020, p. 209) chama de “[...] pura potência da metamorfose”. Algumas questões nos inquietam ao pensarmos nas mesas de trabalho com estes seres. São elas: que relações temos cultivado com os vírus? O que segue vivo do tanto que se foi na(s) pandemia(s) (de HIV/aids, de covid-19 e...)? Quais imagens, afetos, fantasmas, sonhos, medos e desejos permanecem conosco entre escombros de um Antropoceno composto por paisagens multiespécies? De que maneiras comunicar com os vírus pode nos ensinar a curar as feridas causadas pelo nosso desastroso modo de habitar o mundo? Poderíamos aprender, com uma ética do contágio (Coccia, 2018; 2020; Diaz, 2020), a construir e constituir outras florestas (Dias, 2020) em coexistências de um cuidado da terra (Ranniery, 2022), em um fazer coletivo e mútuo?

Para tentar responder, de alguma maneira, tais perguntas, tangenciamos um caminho teórico-metodológico a partir de suas vizinhanças e diálogos possíveis. Foram empregadas as seguintes metodologias: escritas tendo como inspiração a fabulação especulativa e a mesa de trabalho. Tal pesquisa aconteceu nas conexões entre ciências, artes e filosofias, inspiradas nas inquietações Deleuze-Guattarianas deslocadas conceitualmente por Sílvia Gallo (2000):

Há três ordens de saberes que mergulham e recortam o caos, produzindo significações: a *filosofia*, que cria *conceitos*; a *arte*, que cria *afetos*, *sensações*; e a *ciência*, que cria *conhecimentos*. Cada uma é irreduzível às outras e elas não podem ser confundidas, mas há um diálogo de complementaridade, uma interação transversal entre elas (Gallo, 2002, p. 59, grifos nossos).

Assim, conceitos, afetos, sensações e percepções serão mobilizados rizomaticamente, de maneiras transversais. Escolhemos trabalhar nas interfaces transdisciplinares entre as ciências, as artes e as filosofias pois entendemos que uma divulgação científica menor articula conceitos, afetos, sensações e conhecimentos em modos de comunicar e educar ciências que aconteçam pelas brechas, pelas resistências e re-existências possíveis transversalmente.

Para as mesas de trabalho, nos inspiramos no trabalho que Susana Dias vem empregando nos últimos anos como maneira de movimentar e potencializar processos criativos. Esta metodologia tem sido movimentada como um modo de habitar as relações entre artes, educações e comunicações diante do Antropoceno, tempo marcado pelos desastres e mudanças climáticas (Dias, 2023). Tais mesas de trabalho carregam a marca de serem um processo coletivo e múltiplo. Dias e Remédios (2022, p. 202) afirmam que: “A ‘mesa de trabalho’ – que denominamos ora de mesa de trabalho a céu aberto, ora mesa de trabalho ao ar livre, mesa de trabalho espiritual, especulativa ou expandida, a depender das propostas envolvidas – tem sido, ao mesmo tempo, uma intervenção artística e um método de trabalho em arte que desenvolvemos para lidar com o Antropoceno”. As mesmas aconteceram na tarefa de nos debruçar em nossos encontros com tantos elementos/coisas/vidas que possam inspirar-nos e aproximar-nos dos vírus – artigos das ciências da natureza e humanidades, notícias jornalísticas, vídeos, músicas, textos literários, poéticos, filosóficos, vacinas, derivas entre corpos, espaços,

pensamentos, memórias, histórias, estórias, e... e... e...⁵ –, estando atentos a como cada uma dessas companhias pode nos afetar e nos ensinar na medida em que conosco comunica.

Figura 5: “Viver com”.



Fonte: acervo das autorias a partir de registros nas mesas de trabalho com os vírus (2024).

Assim, uma série de materiais foi escolhida para compor as três edições das mesas de trabalho com os vírus que aconteceram no ano de 2024. A primeira mesa ocorreu na *Residência Artística Perceber-Fazer Floresta II: Cozinhar, caminhar, cantar, contar...* e a segunda no *IX Seminário Conexões: Deleuze e Linhas e Cosmos e Educação e...*, ambas atividades ligadas à Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na cidade de Campinas, no estado de São Paulo, Brasil. Já a terceira mesa ocorreu no evento *Mudanças climáticas: arte, museus e educação*, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Santa Mônica, na cidade de Uberlândia, no estado de Minas Gerais, Brasil. Elas congregaram diferentes pessoas, como estudantes de graduação de licenciatura em Ciências Biológicas, licenciatura em Artes Visuais, Design, dentre outros, e pós-graduação em Educação, Antropologia, Divulgação Científica e Cultural, além de professores e professoras da educação básica e superior, junto de artistas destas duas cidades. Tal diversidade de participantes interessados em cultivar modos de aprender e comunicar com os vírus mostrou a potência das divulgações científicas menores em aglomerarem heterogêneos tanto em encontros de materiais quanto de seres humanos e não humanos.

Dias (2020) reflete que a arte e os artistas podem nos ajudar a entrar em comunicação com diferentes seres. É a partir dessa percepção que encontramos uma brecha para cultivar divulgações científicas menores ao preencher as nossas mesas com múltiplas produções que possam nos atravessar, ressoando em linhas outras de pensamento-vida, sendo disparadoras para criações por vir. Segundo a pesquisadora:

⁵ Mobilizamos o “e... e... e...” em referência ao conceito de rizoma pensado pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011).

Estes artistas, e os seres estéticos que eles ajudam a trazer ao mundo, têm nos ensinado a ganhar intimidade com uma matéria viva, a entrar em comunicação com uma matéria ativa, a tornar ventos, rios, mares, nuvens, animais, pedras, árvores, pessoas, imagens, sons, palavras, papéis em interessantes e potentes parceiros de pensamento e criação, cultivando possibilidades de que, quem sabe, eles também possam entrar em comunicação conosco (Dias, 2020, p. 19).

As mesas de trabalho com os vírus foram mobilizadas durante o pós-doutorado do primeiro autor – e como atividade de pesquisa-criação do mesmo – realizado no Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural (PPGDCC), na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob supervisão da segunda autora. Elas, em certos momentos, foram compostas individualmente – lembrando que, por si só, este processo não é solitário, mas sempre em matilha –, na casa de cada um de nós ou em outros espaços em que fosse possível engendrâ-las, sonhá-las, fabulá-las. Ao nos preencher de/com uma gama de coisas-vidas companheiras, permitimo-nos afetar por estes encontros e, a partir deles, nos colocar em movimentos de criar, dando vazão aos afetos que pedem passagem. Entretanto, a força se evidenciou nas mesas de trabalho coletiva, em parceria com o Grupo de Pesquisas *multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações*, registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e vinculado ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LABJOR) da Unicamp.

Para as escritas que aconteceram junto e após as experimentações nas mesas de trabalho, inspiramo-nos na fabulação especulativa e nas especulações científicas movimentadas, sobretudo, no trabalho das pesquisadoras Donna Haraway (2021; 2022; 2023) e Vinciane Despret (2021). Tais produções de Haraway e Despret se encontram entre filosofia, antropologia e ciências da natureza – sobretudo as biológicas –, de maneira transdisciplinar, flertando também com as artes e com uma escrita literária. Mobilizar a fabulação especulativa como metodologia de pesquisa foi nos colocar em devir-com Haraway, Despret e tantas autorias que nos inspirem e contagiem na tarefa de escrever cotidianamente acerca dos atravessamentos que possibilitem comunicar e aprender com os vírus, atuando, inclusive, na tarefa de vislumbrar e criar outros mundos em meio às ruínas, em tempos de desastres. Estes movimentos também nos contagiam a articular uma divulgação científica menor, sentindo suas ressonâncias possíveis na educação e no ensino de ciências e biologia.

Justificamos que ambos intentos metodológicos – tanto as mesas de trabalho (Dias; Brito, 2022; Dias, 2024) quanto as fabulações especulativas (Haraway, 2021; 2022; 2023; Despret, 2021) – se contagiam, misturam e entrelaçam em uma tarefa de cocriação multiespécie, de aprendizagem e comunicação científica com os vírus. Essas metodologias de pesquisa-vida-experimentação se mostraram potentes em tempos de Antropoceno e de mudanças climáticas. Com isso, algumas perguntas nos guiaram na feitura das mesas de trabalho com os vírus: “Como ficar com o problema de habitar um mundo com os vírus? Entre pandemias, infecções, mutações, contágios corporais e afetivos, de que maneiras esta coexistência multiespécie nos permite criar ao devir com, viver com e morrer com esses seres microscópicos que situam-se no entre?” (Sales; Dias, 2024, s.p.).

Assim, deglutimos, como combustível aos processos de escrita-vida, tudo que fosse profícuo para tal investigação em imersões acadêmicas – filosóficas, antropológicas, biológicas, educacionais, comunicacionais, e... –, literárias, cinematográficas e... e... e.... Para então, nas materializações escritas, tangenciarmos poéticas e ensaios dos encontros (trans)formativos entre humano-vírus.

3. Educar, comunicar e devir com os vírus

Infecção. Sutil encontro. Membranas. Gotículas. Contatos. Em milésimos de segundo, mudança de cenas. Outras cenas. Outras figuras. Outras... vidas? Penetrando um corpo. Corpos em comunhão. Combustão descarrilhando em dor. Desestabilizando todo um mundo. A partir de um sutil contato. De um encontro efêmero. Que perdura. Ad eternum? Até que a morte os separe? Para sempre diferentes. Amém.

Tiago Sales (2022, p. 508).

O que pode um vírus nos afetar, educar e comunicar? Nesta seção, pensaremos nas mesas de trabalho com os vírus em duas partes. Na primeira, trataremos de inspirações e contágios afetivos possíveis com esses micro-seres em divulgações científicas menores. Já na segunda convocamos escritas a partir dos registros imagéticos feitos ao longo das três edições e dispostos no texto com as Figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8, pensando no que permanece em movimento, nos permitindo aprender e comunicar com os vírus contemporaneamente.

3.1 Todo mundo tem uma estória com os vírus: movimentando mesas de trabalho

Todo mundo tem uma estória com os vírus⁶. Gripe, caxumba, dengue, sarampo, aids, covid-19, infecções estomacais... verrugas, tosse, febre, feridas, manchas... no encontro com alguns vírus potencialmente causadores de adoecimentos nos corpos são colocados para fora de seus limites individuais. Com tantos outros, nem teremos a noção de sua coexistência conosco. Entretanto, trata-se sempre de abrir-se ao outro, radicalmente diferente, e nos percebermos como comunidades, coletivos complexos. Nessas convivências com os vírus, proliferam muitos outros modos de cultivar relações para além do adoecimento, ultrapassando a dimensão da dor e a tensão entre vida-e-morte. As mutações, os tantos vírus que sequer sabemos que adentram as nossas células e misturam os seus genes conosco, em metamorfoses e em uma ética da mistura que o filósofo Emanuele Coccia (2020) tanto nos ensina.

⁶ Atravessamentos e desdobramentos advindos dessa investigação também foram publicizados no artigo “Fabulando histórias e poéticas com os vírus: experimentações e(m) educações multiespécies” (Sales; Rigue, 2025). Assim, “Todos nós temos alguma história com os vírus – e, na ausência delas, podemos criá-las. Eles atravessam nossos corpos, nos infectam, se misturam aos nossos genes, metamorfoseiam nossa carne. Alguns podem, sim, nos adoecer. Mas e se, para além das lógicas biomédicas e patologizantes da vida em contato com os vírus, deslocássemos e concentrássemos nossa atenção para pensar no que podemos aprender com eles?” (Sales; Rigue, 2025, p. 292).

Mobilizar uma mesa de trabalho com os vírus é, antes de tudo, puxar esses fios das memórias de coexistência com esses seres acelulares microscópicos e com eles criar. Fabular, tecer algo novo a partir do acontecido, experimentar entre palavras e imagens. Começamos a pensar nas mesas de trabalho a partir de uma ideia de compor em um projeto de pós-doutorado em Divulgação Científica e Cultural que ligasse a educação e a divulgação científica com práticas artísticas e intentos filosóficos. Pegamos emprestado desde já a potência viral transdisciplinar de misturar e infectar diferentes campos.

As mesas de trabalho com os vírus propuseram a experiência de escritas mutantes, capazes de abrir processos de mutação e instaurar zonas de indiscernibilidade entre vírus, animais, plantas, gentes, coisas... Partimos do pressuposto de que tais escritas permitem experimentar divulgações científicas menores, pois dão a ver uma dimensão coletiva da linguagem, fazendo gaguejar e tropeçar a língua considerada dominante e adequada. O menor, lembra Ronald Bogue (2011), ao pensar com Deleuze e Guattari, revela uma língua estrangeira dentro da própria língua. A ideia das escritas mutantes com os vírus nas mesas de trabalho veio da conexão com outra experiência do grupo de pesquisas multiTÃO (CNPq/Unicamp) em que propusemos às pessoas inserir seres microscópicos literários e artísticos em notícias jornalísticas, gerando processos de mutação das escritas que faziam com que se tensionasse as oposições entre real e ficção, sujeito e objeto, verdadeiro e falso, e..., gerando novas perspectivas em relação ao tema das mudanças climáticas.

Nesse caminho, as leituras realizadas coletivamente do livro *Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando*, do filósofo Paul Preciado (2023), nos foram importantes interlocutoras tanto nas mesas de trabalho com os vírus quanto nas reflexões no grupo de pesquisas multiTÃO (CNPq/Unicamp). Preciado (2023) pensa em como os vírus – sobretudo com a emergência pandêmica da covid-19 e com as memórias deixadas pela aids – colocam em questão tantos binarismos: “Dentro, fora. Cheio, vazio. Seguro, tóxico. Masculino, feminino. Branco, negro. Nacional, estrangeiro. Cultura, natureza. Humano, animal. Público, privado. Orgânico, mecânico. Centro, periferia. Aqui, ali. Analógico, digital. Vivo, morto” (p. 341); e assim “O privilégio antropocêntrico declina. O *Homo sapiens* recua para se proteger” (p. 346) enquanto “A dor morde a alma e cospe o lucro” (p. 350), já que “O vírus universaliza a condição humana corporal, vulnerável e mortal” (p. 360) na medida em que “As relações entre o organismo e a máquina deixam de ser acidentais e tornam-se constitutivas” (p. 363). Entendemos que tais escritas que se fazem entre o humano e o viral, entre a autobiografia/autoficção, a cartografia, a genealogia e a fabulação especulativa, sendo caras para pensar nas tensões e nas aprendizagens possíveis em tempos de mudanças climáticas, de catástrofes e de pandemias.

Figura 6: “Vacina-potência”.



Fonte: acervo das autorias a partir de registros nas mesas de trabalho com os vírus (2024).

Para as mesas de trabalho com os vírus selecionamos notícias que tratavam desses seres sob diversos aspectos: ligadas à covid-19 no que diz respeito à produção de vacinas, à geração de boletins epidemiológicos, à criação de novos hospitais, à vigilância genômica, aos desafios de comunicação da pandemia, à necessidade de garantia dos direitos da população de rua, as relações entre a pandemia e o clima, dentre outros; sobre a febre amarela e os ciclos de transmissão da doença, a vacina, a criação de mosquitos transgênicos; já sobre HIV, pensamos nas especificidades de tal epidemia, nos métodos de prevenção possíveis, no preconceito que afeta sobretudo pessoas vivendo com HIV/aids, na discriminação de determinados grupos; sobre a gripe e as ameaças à saúde de idosos; sobre o vírus da zika na África; e... e... e... tantas outras composições possíveis com alguns vírus mais presentes em nossos cotidianos contemporâneos e em tempos de mudanças climáticas – tanto materialmente/carnalmente quanto discursivamente.

Disponibilizamos, também nas mesas, várias obras de artistas: da série *Bio Botanic Art* de Adriana Bertini⁷, que expõe em placas de petri, utensílio utilizado para cultura de microorganismos, lâminas de autoteste de HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis e ramos de plantas verdes que nascem de uma cultura com algodão; e as vibrantes e coloridas *Paisagens virais* de David S. Goodsell⁸, que mobilizam conhecimentos e técnicas da biologia, microscopia eletrônica, modelagem computacional, *design* e aquarela.

⁷ Para mais informações acerca do trabalho da artista Adriana Bertini, sugerimos uma deriva atenta à sua página no Instagram <https://www.instagram.com/adriabertini/>, aos sites <https://www.adrianabertini.com/> e <https://www.ufrgs.br/zerodiscriminacao/adriana-bertini/> (Acesso das páginas em 04 jul. 2025) e ao artigo “Entre tesões, tensões e prevenções: HIV/Aids e contaminações com as obras de Adriana Bertini” (Sales, 2020), publicado no dossiê Epidemiologias, da Revista ClimaCom.

⁸ Para mais informações acerca do artista David Goodsell e a série Paisagens virais, indicamos acessar a publicação Paisagens Virais que ocorreu na seção Artes do dossiê Epidemiologias, da Revista ClimaCom https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/paisagens-virais_goodsell/ (Acesso em 04 jul. 2025).

Oferecemos, ainda, dispostos nas mesas, livros de diferentes escritores, sobretudo de literatura, filosofia da diferença, estudos multiespécie e antropologia ecológica; vários trechos de textos de filósofos, tais como Deleuze e Guattari, Donna Haraway, Emanuele Coccia, Peter Pál Pelbart, e poemas de Ramon Fontes e de Tiago Sales. Isto ocorreu pois “[...] os livros não são animais, são vírus, entidades intermediárias entre o objeto e o ser vivo, que só se animam em contato com um corpo leitor” (Preciado, 2023, p. 121). Junto a essa amplitude de inspirações e referências, compuseram a mesa palavras recortadas e impressas em papéis coloridos que remetiam a diversas experiências com os vírus: *amor, trans, corpes, potência, viralizar, gente, dentro, cuidado, comum, simbiose, molecular, aliança, anfitrião...* Junto com essas imagens, palavras e textos colocamos linhas de algodão, fios metálicos, tesouras, alicates, placas de petri, bolinhas de papel amassado, cola, lápis coloridos, todo um conjunto de materiais e ferramentas que permitiriam às pessoas participantes criar cortes e ligas, contágios e contaminações, entre materiais distintos. Vale dizer que as mesas foram ganhando novos materiais e disparadores afetivos – obras artísticas, referências filosóficas, e... – ao longo de cada uma das vezes em que aconteceram, à medida que produções das edições anteriores também serviam de inspiração para quem com elas se encontrasse e se permitisse certa lentidão e contágio criativo com os vírus.

Um convite central nas mesas de trabalho com os vírus foi para que as pessoas viralizassem as notícias de divulgação científica com os diversos outros materiais, convocando os participantes a perceber e criar passagens entre corpos distintos, de modo que elementos estáveis pudessem ser colocados em desequilíbrio metamórfico, o que é considerado fundamental por Ronald Bogue para se “devir-outro” (2011). Os participantes das mesas experimentaram nesses movimentos uma incessante troca de perspectivas, ora assumindo o papel dos próprios vírus, ora daqueles que lidam com os vírus: cientistas, artistas, professores, técnicos, jornalistas... Viver a experiência do ponto de vista do outro é justamente o que Vinciane Despret chama de “fabulação” (2021). E isso aconteceu porque as mesas de trabalho com os vírus oferecem a possibilidade de construir histórias/histórias diferentes com esses seres, assumindo-os como “espécies companheiras” de pensamento e criação, como propõe Donna Haraway (2023). Não estava em jogo apenas informar sobre esses seres, torná-los meros objetos de estudo, mas compor com eles, criar alianças, o que exige um trabalho de metamorfose (Coccia, 2020), “[...] um regime aberto à surpresa e ao acontecimento: ‘outra coisa’ poderia surgir modificando profundamente os seres e suas relações” (Despret, 2021, p. 308).

3.2 Contágios afetivos entre imagens: aprender e comunicar com os vírus

E se parássemos para escutar as imagens, o que elas podem nos dizer? Poderíamos nos infectar pelo que ressoa em nossos registros visuais de tempos outros? Neste texto, as fotografias presentes nas Figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 nos convidam a pausar, sentir e experimentar modos outros de nos relacionar com os vírus e com a própria criação entre ciências

e artes que emerge das/nas/com as mesas de trabalho. Quem sabe, cultivar uma ética da atenção aos seus silêncios, aos sons que ecoam, aos sussurros, ao micro... ao vírus!

Cultivar uma relação com os vírus demanda uma atenção sutil, uma capacidade de vislumbrar o que é aparentemente invisível. “A presença do vírus é indetectável para os sentidos do corpo humano. Não podemos vê-lo, nem o tocar, nem o cheirar. Não sabemos se está presente ou ausente. (...) Não podemos tocar o que vemos. Não podemos ver o que nos toca. A realidade torna-se opaca e intocável” (Preciado, 2023, p. 253-254). O vírus é afirmado, então, enquanto instância menor, tão pequenina que é imperceptível ao olho nu.

Quem já lecionou na educação básica nos componentes curriculares de ciências e biologia acerca dos vírus sabe como é complexo trazer essa dimensão de seu tamanho à materialidade de uma aula – sobretudo com crianças, mas também com adolescentes, adultos e idosos, nas diferentes modalidades de ensino –, e aí recorremos aos livros didáticos, vídeos, imagens aumentadas milhares de vezes... e, nesse momento, além de microscópios eletrônicos, nos é demandado também a capacidade de imaginar, de vislumbrar o invisível, de quicá fabular.

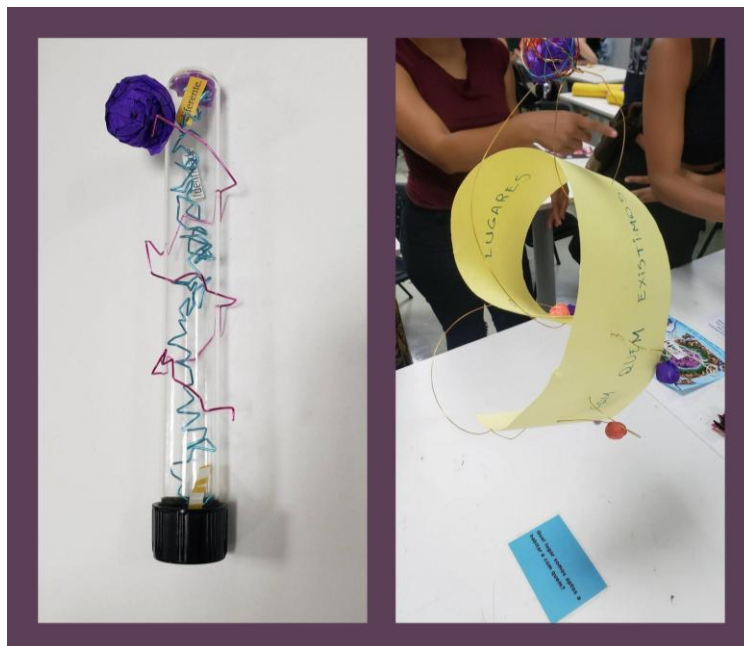
Os vírus nos convocam a perceber as escalas em outros níveis, em outras dimensões. Com isso, também nos clamam a nos relacionar com o que é vivo e é microscópico que está em nós, que nos infecta, que se mistura e muta os nossos materiais genéticos, que nos atravessa e permite devir. Segundo Deleuze e Guattari (2011, p. 27), “Nós fazemos rizoma com nossos vírus, ou antes, nossos vírus nos fazem fazer rizoma com outros animais”. Os vírus nos misturam, fissuram nossas duras identidades, nos permitindo entrar em devires em suas menoridades, em seus desvios.

Preciado (2023, p. 185) reflete na potência dos vírus racharem instâncias identitárias e abrirem caminhos para devir:

Por sua condição ontológica precária e fronteiriça, o vírus se assemelha a outras “entidades” histórias às quais não foi concedida existência plena, ou que foram percebidas como subalternas, mas também como parasitas ou daninhas, pensadas como meras cópias de outras formas de vida tidas como mais originais: a mulher, a bruxa, o homossexual, a travesti, o transexual, os corpos racializados, o imigrante, o exilado, a pessoa com deficiência, o estrangeiro, todos foram pensados historicamente como vírus políticos, parasitas sociais ou sexuais que ameaçavam a integridade do corpo soberano nacional masculino, branco e heterossexual. É possível que, como no caso do vírus, uma política do devir, uma política mutante e disfórica, do não-ser-nunca-o-mesmo, seja mais interessante para estas figuras históricas que uma política da identidade?

Um devir com, um duplo contágio, uma infecção... um convite ao menor, ao diálogo, à potência de um contato sutil, de um encontro que é certas vezes efêmero, mas que pode permanecer, seguir e durar conosco. Também uma possibilidade de ver a diferença como potência. Nesses devires com os vírus, Preciado (2023) nos reforça como a dimensão disfórica que corpos que fogem dos padrões – humanos, cisgêneros, masculinos, brancos, heterossexuais, e... – é, na verdade, uma grande força revolucionária possível.

Figuras 7 e 8: “Ensaaios” e “Esculpindo simbioses”.



Fonte: acervo das autorias a partir de registros nas mesas de trabalho com os vírus (2024).

Eis um chamado a viralizar educações em ciências e divulgações científicas menores com os vírus, contagiando-nos em possíveis que nos permitam respirar (Deleuze, 2013)⁹. Assim, nesta seção, buscamos, ao revisitar imagens das três mesas de trabalho com os vírus, escrever com elas, com o que lá aconteceu, com a presença e carnalidade dos vírus. Nos permitimos sermos afetados, infectados, em contágios desejosos, em micropolíticas de uma educação e divulgação científica menor.

Os registros imagéticos aqui presentes retratam composições coletivas que proliferaram nas três edições das mesas de trabalho com os vírus. Como podemos ver nestas fotografias, os participantes experimentaram um incessante contágio entre materiais. Idas e vindas, misturas e conexões, tessituras delicadas que deram a ver a força criativa das simbioses e reconstruíram as histórias de vida dos humanos com os vírus inscritas em jogos de relações. Relações, inclusive, que se expandiram e contagiaram outros seres. Como lembra Despret (2021), todos os organismos têm uma origem simbiótica e a simbiose não chegou ao fim com a evolução dos seres, ela segue sendo reinventada por toda parte. Assim, “Cada forma de vida mais complexa é o resultado contínuo de atos de associação multidirecionais cada vez mais intrincados com, e partir de, outras formas de vida” (Despret, 2021, p. 309).

Os vírus vieram, nas mesas de trabalho, para nos ensinar como toda vida é fruto da cooptação por outros, por estrangeiros, estranhos, radicalmente diferentes. E a fabulação menor da simbiogênese biológica nos fez acessar essa percepção de que os humanos são resultado de complexos processos interespecíes em que interessa pensar o estrangeiro a quem oferecemos

⁹ Em referência a “Um pouco de possível, senão eu sufoco...” (Deleuze, 2013, p. 135).

hospitalidade, cuja língua desconhecemos e que, ao mesmo tempo, nos transforma e nos torna responsáveis pelos encontros, contágios e devires-com. Carstens (2019), inspirado por Donna Haraway, tem refletido que a simbiogênese não deveria se restringir às salas de aula de ciências da vida, e sim ser o foco de todos os campos da produção do conhecimento. Isso porque envolve uma história natural mais aventureira, experimental e que inclui sinergias criativas, conversas com inteligências não humanas e todos os tipos de modalidades poéticas, artísticas e científicas.

Nas mesas de trabalho uma nova forma de pensar-sentir-viver o contágio com os vírus foi acessada e inventada pelos participantes, como se esses movimentos criativo-experimentativos, e as criações que deles proliferaram, fossem vacinas. Uma espécie de dispositivo tecnopolítico de inoculação que permite que os encontros com os vírus na divulgação científica não sejam mortais. É Paul Preciado (2023, p. 73-74) que, pensando com Burroughs, diz que a tarefa do escritor e do ativista é “[...] trabalhar a linguagem como inoculação, como vacina”, porque estamos “[...] doentes de linguagem” e precisamos nos fortalecer contra as formas mais nocivas da linguagem: “[...] as palavras dos políticos, dos meios de comunicação, dos militares, dos psiquiatras, dos publicitários”. As imagens que trazemos neste artigo mostram como as pessoas, nas mesas de trabalho, se vacinaram, ou seja, se reapropriaram criticamente dos sentidos das palavras e imagens através de inoculações de fragmentos de linguagens, que fortalecem a produção de subjetividade contra as formas dominantes da máquina semiótica.

Assim, as mesas de trabalho com os vírus e as fabulações especulativas que movimentamos – nelas, com elas e a partir delas – atuaram como vacinas para experimentarmos caminhos outros de relações multiespécie e cuidados com a Terra/terra, atentando-nos ao que é possível aprender, comunicar e devir com os nossos companheiros não humanos – em especial com os vírus, mas não se restringindo a eles. Essa função enquanto vacina criativa-afetiva das mesas de trabalho se mostrou como um dispositivo criativo e como caminho possível para habitar um mundo em ruína em meio às mudanças climáticas e, em meio a desastres, seguir criando e agenciando encontros.

Uma pista importante para cultivar comunicações, educações e divulgações científicas menores com os vírus está no trabalho de criar imunizações não como aversão ao outro, mas sabedorias para diálogos possíveis, para criar com, como nos lembra Preciado (2023, p. 478): “Imunizar-se não é, segundo essa teoria, ‘isolar-se’, mas antes aprender a comunicar-se com o vírus, ou seja, a escrever com ele, gerar os anticorpos que permitem estabelecer uma relação de comunicação e não de morte com o vírus”.

4 Considerações finais... ou modos de seguir viralizando

Em vez de ver os vírus como uma ameaça externa a ser erradicada, podemos reconhecer como aprendemos e estamos aprendendo a conviver endemicamente com nossos companheiros virais

Beth Greenhough (2012, p. 1).

Vírus, pacientes, equipes médicas, fármacos, vacinas, máscaras, bulas, plantas, animais, comunicadores, educadores, matérias jornalísticas, celulares, postagens em redes sociais, regulamentações, laboratórios, indústrias, movimentos LGBTQIAPN+, obras artísticas, filósofos, livros, manifestos, professores, aulas de biologia... A existência dos vírus acontece emaranhada com inúmeros outros agentes, humanos, não humanos e mais que humanos, e uma das coisas que as mesas de trabalho – metodologia que apresentamos neste artigo – reivindicam é justamente a necessidade da complexificação de relações envolvendo os vírus. Isso se faz necessário para a divulgação científica poder ir além das lógicas da informação, denúncia e julgamento que predominam nas práticas tradicionais que tratam os vírus como “ameaças” que precisam ser eliminadas (Greenhough, 2012). Aqui pensamos em uma divulgação científica *menor* que se abre ao encontro com os vírus como “espécies companheiras”, ou seja, como “alteridades significativas” que nos desafiam a pensar, sentir e viver de modos que superam as imaginações já postas e determinadas por dualismos que separam naturezas e culturas (Haraway, 2022, p. 26-27; 2021, p. 15-16).

Como diz Preciado (2023, p. 540), “É daqueles com os quais vocês não sabem como se relacionar, daqueles que escapam aos protocolos institucionais normativos que pode vir a transformação”. E ele prossegue nos convocando a aprendizados com seres radicalmente diferentes dos humanos: “Aprendam com tudo que não é humano e com suas formas de extrair e distribuir energia” (Preciado, 2023, p. 540). Esses aprendizados, com Preciado e Haraway, dizem respeito a levar as diferenças a sério e a experimentar práticas de viver junto que combatem a homogeneidade e a exclusão. Foi justamente essa a experiência que os vírus convocaram nas mesas de trabalho: a invenção de modos de viver junto entre corpos e materialidades díspares, e a necessidade de uma abertura para a imprevisibilidade e inconstância virais.

Assim, experimentamos a possibilidade de que os humanos, as narrativas e os vírus sejam colocados sob risco de vida. Eis um trabalho de arriscar-se a uma educação e comunicação aberrante, não grande como os humanos, mas menor como os vírus, capaz de questionar os limites entre sujeito e objeto, fato e ficção, micro e macro, natureza e cultura, organismo e meio, e que abraça os emaranhados entre os fluxos nervosos e assíncronos. Aqui estão algumas pistas para cultivar modos de aprender, comunicar e devir com os vírus em nossos emaranhados multiespécie, em divulgações científicas menores.

Referências

BOGUE, Ronald. Por uma teoria deleuziana da fabulação. *In*: AMORIM, Antônio Carlos; MARQUES, Davina; DIAS, Suzana O. (Orgs.). **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulações e...** Petrópolis, RJ, De Petrus; Brasília, DF: CNPq, Campinas ALB, 2011, p. 17-35.

CARSTENS, Delphi. An octo-aesthetic figuration for learning in times of crisis. **CRISTAL**, v. 11, n. 2, p. 1-18, 2023.

CARSTENS, Delphi. Toward a pedagogy of speculative fabulation. **CrisTal - Critical Studies in Teaching and Learning**, v. 8, Special Issue, 75-91, 2020.

CARTENS, Delphi. New Materialist Perspectives for Pedagogies in Times of Movement, Crisis and Change. **Alternation**, v. 26, n. 2, p.138-160, 2019.

CELL. Living in Their World. **Cell**, v. 172, p. 1137-1138, 2018.

COCCIA, Emanuele. **A Vida das Plantas**: uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2018.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Desenhos de Luiz Zerbini, tradução de Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. 1ª ed. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. Vol. I. São Paulo, Ed. 34. 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **KAFKA**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

DESPRET, Vinciane. **O que diriam os animais?** Trad. Leticia Mei. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

DIAS, Susana Oliveira. Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. **ClimaCom**, Campinas, v. 7, n. 17, 89-104, Jun. 2020.

DIAS, Susana Oliveira; BRITO, Maria dos Remédios de. A arte pública diante do Antropoceno: experimentações em “mesas de trabalhos”. In: FUREGATTI, Sylvia; BASSANI, Thiago Samuel; SEQUEIRA, Alexandre. **Arte pública no Brasil**: convergências e dissensos. Campinas, SP: IA/UNICAMP, 2022. p. 201-210.

DIAS, Susana Oliveira. Um caminhar multiespécies: mesas de trabalho como modos de habitar artes, educações e comunicações diante do Antropoceno. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 16, n. 1, p. e12/ p. 1-22, 2023.

DIAZ, Santiago. Contra-pedagogia do contágio. **Ecos**: Estudos Contemporâneos da Subjetividade, Niterói, v. 2, n. 10, p. 169-172, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GALLO, Sílvio. Em torno da educação menor. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 27, p. 169-178, jul-dez. 2002.

GALLO, Sílvio. O que é filosofia da educação? Anotações a partir de Deleuze e Guattari. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 18, n. 34, p. 49-68, 2000.

GREENHOUGH, Beth. Where species meet and mingle: endemic human-virus relations, embodied communication and more-than-human agency at the common cold unit 1946-90. **Cultural Geographies**, [S.L.], v. 19, n. 3, p. 281-301, 6 jan. 2012.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: UBU Editora, 2022.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

MBEMBE, Achille. **NECROPOLÍTICA**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria mundi**: o som do mundo desmoronando. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

RANNIERY, Thiago. Vivendo no Mundo Deles: currículo a partir de um apelo geontológico. **Currículo Sem Fronteiras**, [S.L.], p. 729-754, 1 nov. 2020.

RANNIERY, Thiago. Currículo, cuidado com a Terra e responsabilidade planetária. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, Cuiabá, v. 5, n. 17, p. 53-67, 2022.

SALES, Tiago Amaral; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 275-293, 2021.

SALES, Tiago Amaral; RIGUE, Fernanda Monteiro. Fabulando histórias e poéticas com os vírus: experimentações e(m) educações multiespécies. **Linha Mestra**, v. 19, n. 56, p. 291-302, 2025.

SALES, Tiago Amaral. O Que Podem as Educações Menores em HIV/aids? **Revista Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 32, n. 72, p. 391-410, 17 nov. 2023.

SALES, Tiago Amaral. Entre tesões, tensões e prevenções: HIV/Aids e contaminações com as obras de Adriana Bertini. **ClimaCom – Epidemiologias**, Campinas, v. 7, n. 19, 215-240, dez. 2020.

SALES, Tiago Amaral; DIAS, Susana Oliveira. Devir com os vírus em mesas de trabalho. **ClimaCom**, Campinas, v. 11, n. 27, página inicial e final, dez. 2024.

SALES, Tiago Amaral. Vivir y morir con: (trágicos) aprendizajes multiespecie y formas de decir adiós. **Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales**, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 1-17, 2024a.

DOI: 10.46667/renbio.v18inesp1.1973

SALES, Tiago Amaral. Diante do Antropoceno: educações para viralizar mundos possíveis. **Criar Educação**, Criciúma, v. 13, n. 3, p. 350-373, 5 nov. 2024b.

SALES, Tiago Amaral. Travessias em poéticas virais. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 10, n. 1, 487-514, 2022.

SANTOS, Sandro Prado; MARTINS, Matheus Moura. Entre encontros e ensino de biologia e gêneros e sexualidades: sopros e insurgências de uma biologia menor. **Revista de Ensino de Biologia da Sbenbio**, [S.L.], p. 141-152, 7 jul. 2020.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

Recebido em julho de 2025
Aceito em novembro de 2025

Revisão gramatical realizada por: Tascieli Feltrin
E-mail: tascielifeltrin@gmail.com